

COMPÊNDIO DOS SÍMBOLOS, DEFINIÇÕES E DECLARAÇÕES DE FÉ E MORAL

de Heinrich Denzinger

ISBN 978-85-15-03439-0. Tradução, com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünermann, por José Marino e Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 1468 pp.

Os ecos do Esclarecimento faziam-se ouvir com significativa intensidade na Alemanha oitocentista. Dentre seus efeitos neste país, encontra-se um amplo movimento de racionalização da Teologia e da exegese, conhecido como Escola Alemã de Racionalismo Teológico, cujo impacto no pensamento religioso alemão, inclusive católico, estendeu-se por todo o século XIX.

Inspirado na releitura da Teodicéia de Leibniz, empreendida pelo filósofo Christian Wolff (1679-1754), o Racionalismo Teológico, sem negar a Revelação, afirmava que a razão é o juiz competente de toda a verdade. Segundo essa escola, seria possível, em última instância, deduzir a Teologia dos princípios universais da razão, excluindo qualquer referência aos Textos Sagrados e à Tradição.

É em reação a esse movimento que o jovem professor da Universidade de Würzburg, Heinrich Denzinger (1819-1883), pensa em restabelecer uma Teologia genuína, a partir do retorno à Tradição e aos documentos posi-

vos da fé e da moral. Como resultado de tal projeto nasce, em 1854, o *Enchiridion symbolorum et definitionum quae de rebus fidei et morum a conciliis œcumenicis et summis pontificibus emanaverunt*, que se afirmou como fonte imprescindível para o estudo sistemático da Teologia com o nome de seu idealizador: “Denzinger”.

A primeira edição do *Enchiridion* era composta por um conjunto de textos selecionados de cem documentos pontifícios, que alcançavam até o pontificado de Pio IX. Após a morte do professor Denzinger, em 1874, o *Compêndio* sofreu profundas e radicais reorganizações nas suas edições subsequentes, destacando-se a da 10ª edição (1908), coordenada pelo jesuíta Clemens Bannwart, a das edições assinadas por Johannes B. Umberg e a total reelaboração do “Denzinger”, empreendida pelo também jesuíta Adolf Schönmetzer, a partir da 32ª edição (1963). Foi o mesmo Schönmetzer que, em 1981, visando ampliar a acessibilidade do *Compêndio*, iniciou a pre-

paração de uma edição bilíngüe. Inúmeros problemas precisaram ser superados para que a completa tradução dos documentos fosse realizada, o que somente ocorreu em 1991, numa edição preparada sob os cuidados do Prof. Dr. Peter Hünermann. Atualmente, o “Denzinger” se encontra na 40ª edição (2005), também coordenada pelo Prof. Hünermann, contando com versões em diversos idiomas, como o italiano, o francês, o espanhol, o croata e, brevemente, o chinês.

Em 2007, chegou às mãos do público brasileiro a versão do “Denzinger” em língua portuguesa, publicada, em conjunto, pelas edições Loyola e Paulinas. A tradução para o português, com as conseqüentes adaptações para essa língua, foi realizada a partir da 40ª edição alemã por uma equipe de especialistas da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Instituto Santo Inácio) de Belo Horizonte, sob coordenação dos professores José Marino Luz (falecido em 2004) e Johan Konings.

Seguindo a tradição do “Denzinger” e fiel à estrutura da edição alemã, a versão brasileira contém duas partes: a primeira compila os símbolos da fé da Igreja Antiga, tanto nas suas fórmulas ocidentais quanto nas orientais; e a segunda parte, organizada cronologicamente, traz os documentos do Magistério Eclesiástico, desde o pontificado de Clemente I de Roma (séc. I) até o de João Paulo II, incluindo sua última Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Além dos textos pontifícios, no “Denzinger” en-

contram-se também inúmeros documentos provenientes de Concílios, Sínodos e vários organismos e comissões da Santa Sé. Desde a época de Schönmetzer, cada um dos diversos documentos do “Denzinger” apresenta concisas introduções históricas que situam o leitor, auxiliando-o, eventualmente, na compreensão teológica. Finalmente, um conjunto de índices (Sistemático, de Referências Bíblicas, de Documentos e Analítico) e uma chave das concordâncias dos números marginais das várias edições do *Compêndio* facilitam sobremaneira o uso dessa obra.

Decorridos mais de 150 anos desde a sua primeira edição, o “Denzinger” guarda, ainda hoje, uma indiscutível atualidade. Com efeito, se o projeto unificador desta obra se transformou ao longo do século XX, seu ensinamento maior, todavia, permanece inalterado: trata-se de evidenciar o quanto a fé da Igreja está intimamente ligada a realidades históricas, positivas, cujo conhecimento é imprescindível para se enfrentar os desafios teológicos e eclesiais de qualquer época.

Fábio Luís Franco, USP